

FSP
6/7/98 34
JC Parque 298

MEIO AMBIENTE *Sem política pública, floresta do maciço da Tijuca, no Rio, pode desaparecer em 50 anos, afirma estudo*

Floresta da Tijuca perde 1 km² por ano

RONI LIMA
da Sucursal do Rio

Um dos mais belos cartões-postais do Rio, a floresta do maciço da Tijuca vem sendo destruída, basicamente por ocupações desordenadas e incêndios, à média de 0,87 km² por ano — área equivalente a aproximadamente 104 campos de futebol.

Estudo do Geoheco (Laboratório de Geo-Hidroecologia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro) mostra que uma das maiores florestas urbanas do mundo ocuparia hoje aproximadamente 42 km² (35,6%) da área dos 118,7 km² do maciço da Tijuca. Em meados dos anos 60, chegava a 58% do maciço.

Ao analisar fotografias aéreas dos anos 60 e imagens de satélite dos 90, o geógrafo Manoel do Couto, 25, que acaba de defender tese de mestrado sobre a floresta, cruzou dados em um computador e detectou a marcha da destruição.

Assim, na hipótese de nada ser feito para conter a devastação, a floresta do maciço da Tijuca — onde ficam o Corcovado e outros pontos que atraem turistas do mundo inteiro — corre o risco de sumir do mapa em 50 anos.

Cercada por vários bairros do Rio de Janeiro — o que permite que, em poucos minutos de carro, os visitantes desfrutem a exuberância do verde e a pureza do seu ar —, a floresta acabou se tornando um alvo fácil da devastação.

A coordenadora do Geoheco, Ana Luiza Coelho Netto, diz que a mata da vertente do maciço que dá para a zona norte do Rio é a mais devastada — por ficar muito exposta ao sol e voltada para a área mais ocupada e industrializada.

O fogo é um grande inimigo. Em 97, o Corpo de Bombeiros registrou a destruição de 80 hectares (96 campos de futebol) só por incêndios provocados por balões.

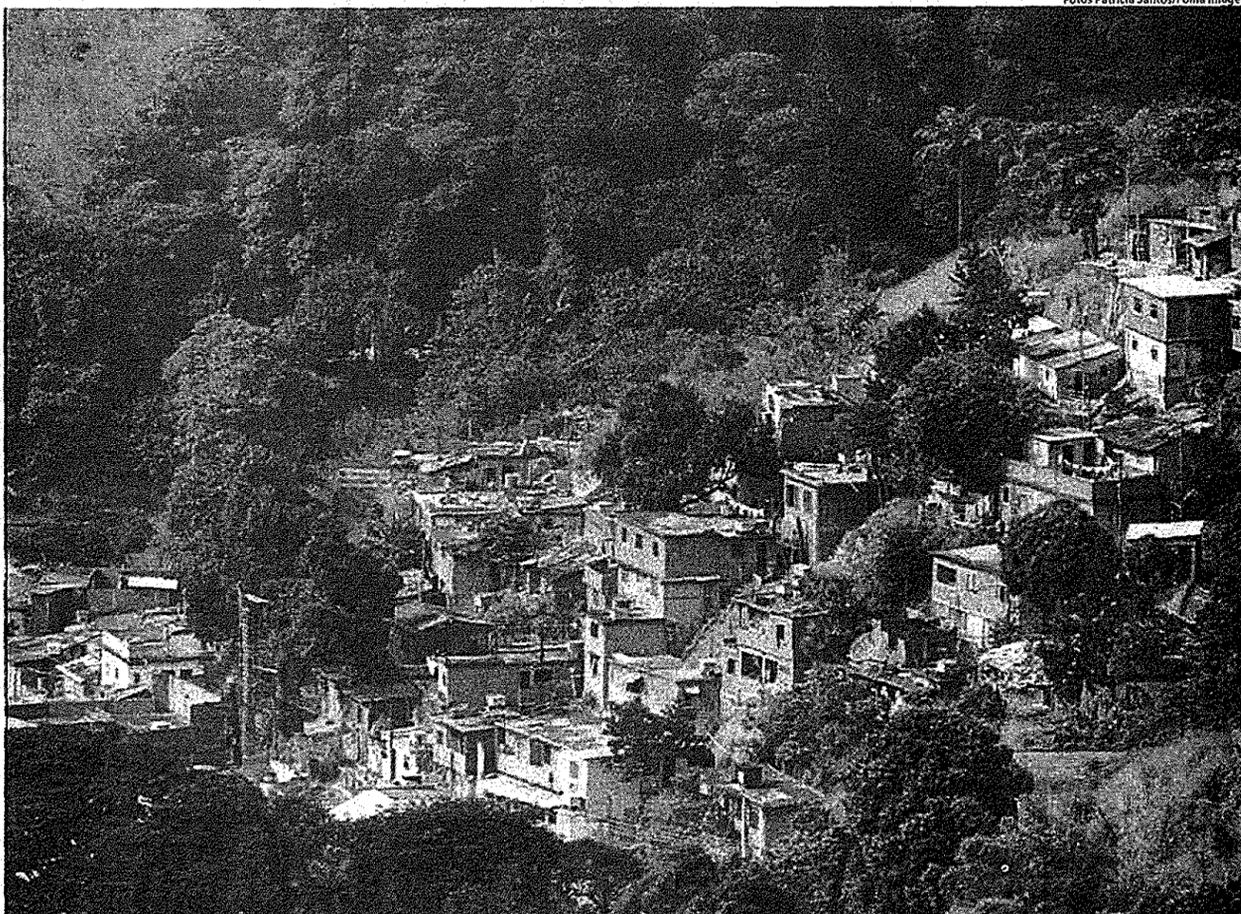
Segundo Netto, as favelas e também os condomínios das classes média e alta provocam desmatamentos, agravando problemas de deslizamentos de terras e o assoreamento de rios — o que aumenta os casos de enchentes na cidade.

Teoricamente, os limites dos 32 km² do Parque Nacional da Tijuca seriam uma barreira para conter a devastação da floresta do maciço da Tijuca.

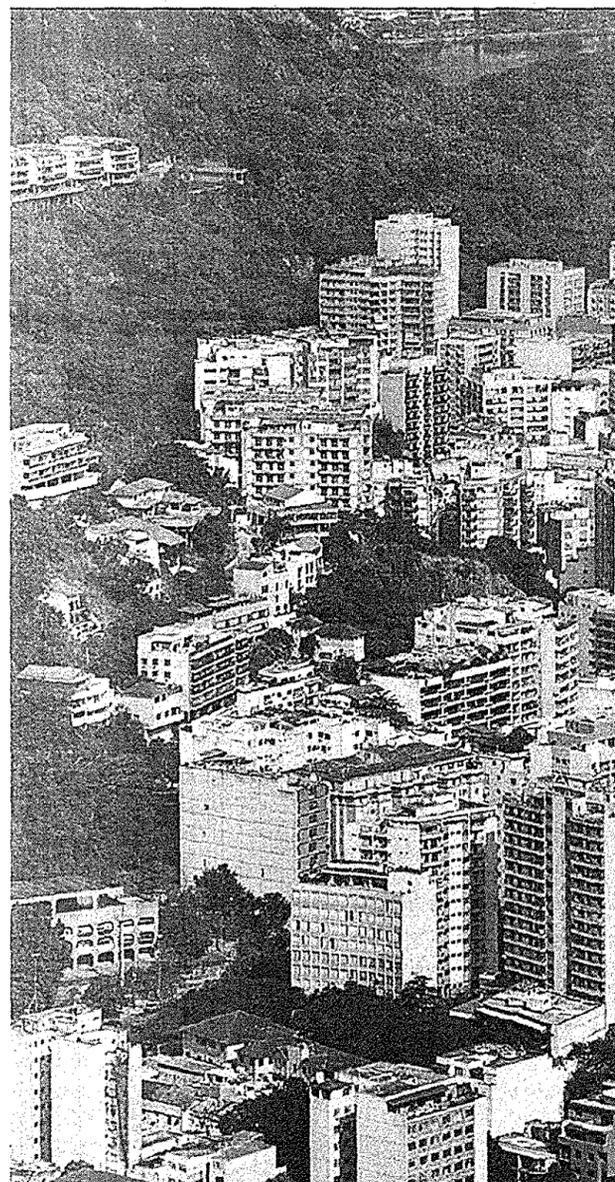
Mas, na falta de uma política eficiente do poder público para conter a devastação no entorno do parque, sua direção já teme os efeitos da pressão urbana.

“Esse é um dos problemas cruciais do parque”, diz a diretora Sônia Peixoto ao lembrar que existem 118 favelas no maciço da Tijuca — sendo “46 próximas dos limites do parque e 22 muito próximas”.

Mesmo dentro do parque, já são comuns as ações da segurança para tirar pessoas que armam acampamentos para morar, na esperança de construir um pequeno barraco da noite para o dia. Só em junho, foram retiradas sete invasões.



Favela ocupa, de maneira irregular, encosta pela qual se estende a floresta da Tijuca, que perde o equivalente a 104 campos de futebol por ano



Na subida do Corcovado, a mata é destruída pelo avanço imobiliário

Devastação gera deslizamentos

da Sucursal do Rio

Dos 104 pontos de deslizamento com mais de 500 m² na floresta da Tijuca ocorridos durante as chuvas de fevereiro de 96, 85,5% se deram em áreas de mata degradada ou infestada de capim colônio.

Esses graves efeitos da devastação da floresta — que provocaram enchentes e destruição de casas em favelas e até em condomínios de luxo — foram estudados pelo Geoheco (Laboratório de Geo-Hidroecologia da Universidade Federal do Rio).

Para a coordenadora do Geoheco, Ana Luiza Coelho Netto, é normal a ocorrência de deslizamentos em maciços montanhosos. Tanto que, em 96, 14,5% dos pontos de deslizamento na floresta da Tijuca se deram em áreas de mata preservada ou em regeneração.

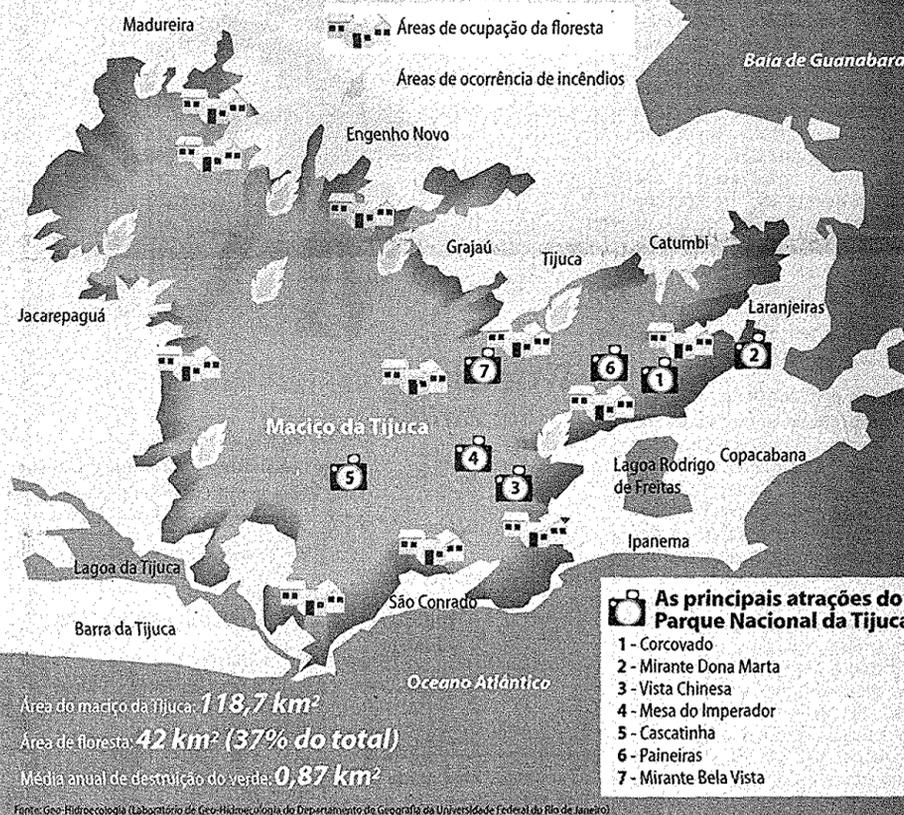
As clareiras abertas por fogo e ocupações desordenadas agravam o problema. “Você altera a hidrologia das encostas, aumentando a chance de deslizamentos”, diz ela.

Ao analisar dados da prefeitura sobre os 242 deslizamentos no maciço da Tijuca que ocorreram de 51 a 91, o geógrafo Manoel do Couto constatou que a quase totalidade se deu em áreas ocupadas por favelas e habitações de luxo.

O Geoheco está agora estudando, com outros especialistas da UFRJ, da prefeitura e de mais duas universidades federais do país, modernas tecnologias de reflorestamento e estabilização de encostas. O estudo tem verba de R\$ 1 milhão do governo federal.

“O Parque Nacional da Tijuca está sendo comido pela borda. Para preservá-lo, precisamos de uma ação coordenada e de decisão política”, diz Netto.

A Floresta da Tijuca ameaçada



Parque da Tijuca é tombado desde 1966

da Sucursal do Rio

Tombado em 1966 pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e considerado pela Unesco, desde 91, Patrimônio da Humanidade e Reserva da Biosfera, o Parque Nacional da Tijuca é uma das maiores atrações turísticas do Rio.

Com 3.200 hectares (32 km²), o parque abrange três complexos geográficos (floresta da Tijuca, serra da Carioca e pedra da Gávea/pedra Bonita), que podem ser alcançados em poucos minutos de carro de vários bairros da cidade. Programas como caminhar nos finais de semana pela estrada das

Paineiras (na estrada que sobe para o Corcovado) e por recantos e trilhas da floresta da Tijuca (no Alto da Boa Vista) são uma fonte de prazer para muitos. Da estrada das Paineiras ou de mirantes como o da Vista Chinesa e o do Dona Marta, tem-se uma vista privilegiada do Rio.